

Práticas interdisciplinares na formação de sujeitos (cons)cientes

O papel da educação nas escolas tem se restringido ao ensino do “ler e contar”, principalmente no ensino público. As cobranças variadas de resultados numéricos na educação não acompanham a realidade vivenciada nas escolas.

A especialização, temática recorrente do processo científico ligado ao modo de produção econômico atual, fecha em si mesma a concepção de um objeto, rompendo com a integração em uma problemática global, considerando apenas um aspecto ou uma parte dele. As questões globais não podem ser analisadas separadamente, pelo contrário, devem ser refletidas de forma complexa e integral. Morin (2003) afirma que é impossível aprender “o tecido conjunto”, o complexo, com o retalhamento das disciplinas, “portanto, o desafio da globalidade é também um desafio de complexidade” (p.14)¹.

Os escritos de Paulo Freire são relevantes para esta reflexão, diante da percepção de que o processo de conscientização descrito por ele pode ser relacionado com qualquer campo das atuações humanas e pode auxiliar na modificação do quadro social que vivenciamos. Para Freire, a conscientização não é apenas conhecimento, é decisão, é compromisso, e



¹ A imagem no canto superior direito nos dá uma ideia do que entendemos por práticas interdisciplinares nas escolas. Fonte: <<https://bityli.com/3B8M9>> Acesso em 19 de out. 2020.

é um processo construído sob duas vias, com base no reconhecimento do Eu no Outro (FREIRE, 2014).

Uma formação integral é aquela que se propõe a atuar de forma complexa, traçando redes de conhecimento. A formação em Pedagogia é uma dessas possibilidades, permitindo ao profissional que atuará no campo da educação desenvolver caminhos que interliguem processos educativos para uma conscientização integral do educando. Dessa forma, conceitos de transversalidade dos conteúdos curriculares, de interdisciplinaridade, são viabilizadores de uma prática pedagógica realmente significativa.

A atuação de profissionais da educação em espaços de vulnerabilidade social precisa levar em conta essas concepções para que resultados mais abrangentes sejam alcançados. Segundo Graciani (2014), “[...] o conceito de exclusão encontra-se intrinsecamente vinculado à pobreza e à desigualdade social por não propiciar a efetivação da cidadania, o acesso aos direitos e à participação social, bem como o usufruto dos bens e serviços produzidos pela sociedade” (p.15). Nesse sentido, é preciso traçar estratégias para que esses sujeitos desenvolvam a reflexão e compreensão dos *‘espaçostempos’*² existentes, efetivando suas ações na sociedade.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a ênfase do currículo volta-se cada vez mais para o ler, escrever e contar (Português e Matemática), relegando a segundo plano o ensino das outras disciplinas (História, Geografia, Ciências, Educação Física, Artes...) que propiciam a elaboração de conceitos necessários à vivência, em uma articulação da leitura da palavra à leitura de mundo.

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) traz orientações de que ao longo da educação básica os alunos precisam desenvolver as dez competências gerais da Educação Básica, que pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma

² Optamos aqui por uma escrita destes termos e outros de forma conectada, pelo fato de concordarmos com Alves (2008) de que não é possível dicotomizar esses sentidos.

formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Cabe refletir ainda na importância do *'aprenderensinar'* em um ambiente educativo que propicie formação crítica. Trevisan (2012), por sua vez, destaca que a escola deve contribuir para o desenvolvimento integral da criança, não a objetivando apenas como criança-aluno, mas, sobretudo e também, como criança-sujeito, criança-pessoa e, no limite, como criança cidadã. Dessa forma, a escola não pode permanecer com uma estrutura rígida e deslocada dos *'espaçostempos'* possíveis, mas sim, um lugar em que a criança encontre papel ativo, relevante, em que se reconheça como participante e colaboradora do coletivo da qual faz parte.

Portanto, o papel do professor é potencializado em sala de aula pela possibilidade de ser versátil através do trabalho interdisciplinar, com vista à formação do sujeito nos processos de *'aprenderensinar'*. O olhar e a escuta sensíveis proporcionam o entendimento das dificuldades que os nossos alunos possam vir a ter e assim auxiliá-los no percurso escolar.

Sobre as autoras:

Ana Clara São Thiago atua como professora dos anos iniciais na Rede pública do município do Rio de Janeiro, no Complexo da Maré. É mestranda em Educação no PPGCEC na FEBF/UERJ. E-mail: anasthiago41@gmail.com

Isis Duarte Garcia é graduanda em Pedagogia pela FEBF/UERJ. É também bolsista de graduação do EduCiber. E-mail: iflduarte@gmail.com

Referências:

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989. Disponível em: http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importanciaato_ler.pdf> Acesso em: 06 out de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 56 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

GRACIANI, Maria Estela dos Santos. **Pedagogia social**. São Paulo: Cortez, 2014.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

TREVISAN, Gabriela de P. Cidadania infantil e participação política das crianças: interrogações a partir dos estudos da infância. In: DORNELLES, LENI V.; FERNANDES, Natalia. (ed.) **Perspectivas sociológicas e educacionais em estudos da criança**: as marcas das dialogicidades luso-brasileiras, 2012. p. 84-105

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#estrutura> Acesso em: 28 out. 2020.